

ARTE PÚBLICA E PATRIMÔNIO CULTURAL NO ENSINO DE ARTES VISUAIS: as expressões contemporâneas dos grafites

Graziela Gonçalves de Miranda¹
Lana Mara Castro Siman²

Resumo:

As manifestações artísticas no espaço urbano promovem uma nova forma de fruição estética, ou seja, possibilitam a milhares de pessoas que transitam pelas ruas a entrarem em contato com uma arte que desafia as normas sociais, padrões arquitetônicos planejados e as sensibilidades dominantes de um determinado lugar. N isto, essas intervenções artísticas provocam um melhor questionamento sobre a noção de espaço urbano, arte e patrimônio cultural contribuindo, assim para um "alargamento" de um horizonte histórico temporal e, para eliminação de possíveis barreiras que persistem em separar a arte da vida. O objetivo deste estudo é estudar propostas educativas que se utilizem da linguagem do grafite para desenvolver nos jovens alunos, novas sensibilidades de modo a instigá- los ao exercício da cidadania e, sobretudo ao reconhecimento da sua história na cultura local em que vivem. Serão utilizados os conceitos fornecidos pelos seguintes autores: Andrade (2015), Baudelaire (1988), Moll (2015), Silva (2015), Menezes (2006), Freire (1989). Logo, nossa intenção seria propor uma melhor reflexão sobre o papel da arte pública em projetos de educação patrimonial com foco na formação cidadã, artística e cultural do jovem educando, fomentando assim, novos diálogos dentro ou fora do ambiente escolar, buscando uma conexão entre os seguintes elementos: arte/educação/cidade.

Palavras-chave: Arte pública. Educação patrimonial. Grafite. Ensino de Artes Visuais. Cultura Visual nas Cidades.

INTRODUÇÃO

A arte pública em suas diferentes formas de expressão visual possui um potencial que favorece muitas conversas entre os cidadãos transeuntes que passam por aquele espaço com o artista urbano e a arquitetura daquele local. Por isso, atualmente existem inúmeras propostas

¹ Arte-educadora formada pela Escola Guignard, especialista em Ensino de Artes Visuais pela Escola de Belas Artes (UFMG) e Mestranda do curso de pós-graduação: Educação e Formação Humana da Faculdade de Educação /FaE – UEMG. .e-mail: grazzimiranda@yahoo.com.br.

² Professora da Faculdade de Educação (Fa E), do Mestrado em Educação. Líder do grupo de Pesquisa(CNPq) Polis e Mnemosine.Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMG. Editora Chefe da Revista Educação em Foco, PPE FaE - UEMG. lanacastrosiman@gmail.com

de intervenções artísticas feitas com este intuito, de provocar reflexões e sensações estéticas com diferentes significados culturais que conseguem envolver os cidadãos que por ali circulam. Para o historiador Silva (2005, p.35) o conceito de arte pública antigamente era definido como um processo artístico de “demarcação de lugares” muito utilizado pela classe burguesa, para reafirmar seus poderes político-sociais junto à sociedade daquela época. Este autor, esclarece ainda que em meados do século XIX, com o início da modernização das cidades, a arte pública ganhou uma nova definição estética, pois começa a: “(...) ser discutida enquanto experiência artística, propiciadora de transformações estéticas, sociais e políticas.” (SILVA, 2005. p. 35).

Em outro contexto histórico, o poeta Baudelaire (1988, p.10) acreditava que a cidade moderna no século XIX, poderia ser definida pela "vida transitória do homem moderno", ou seja, o poeta demonstra a sua indignação pelo processo de modernização que acontecia na cidade em Paris daquele período. O poeta assim, nos traduz os primeiros impactos de uma destruição de casas, ruas e praças antigas, para construir uma nova cidade com "ares" de modernidade. Segundo o escritor e pesquisador Marco Antônio de Menezes (2006) da Faculdade de Arquitetura (UFBA), o poeta Baudelaire representava através de uma simplicidade poética, com todas as suas inquietações, ritmos, contextos e personagens a antiga Paris, que se transformava em uma metrópole moderna.

Desse modo, o autor cita que a intenção do poeta era representar aquela cidade como um espaço de significados múltiplos, que ultrapassavam o espaço físico e arquitetônico. Para tanto afirma Menezes (2006), que há uma necessidade de observarmos a cidade de outro modo, assim como o poeta Baudelaire fazia no séc. XIX em suas poesias, seja promovendo novas discussões sociais ou através de intervenções provocada por uma arte urbana pautada na apropriação consciente e autorizada dos espaços públicos, se referindo o autor que:

Indagar sobre as representações da cidade na cena escrita construída pela literatura é, basicamente, ler textos que lêem a cidade, considerando não só os aspectos físico-geográficos (a paisagem urbana), os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória (MENEZES, 2006, p.3).

Contudo, para a pesquisadora Andrade (2015, p.2) ao compreendermos estas imagens que habitam os lugares de uma cidade, precisamos compreender as representações imagéticas presente nestes locais. Pois, são estas intervenções visuais que articulam com o cotidiano,

produzindo uma postura estético-política de questionamentos, produzindo assim, o que ela define como uma "política representacional". Andrade (2015) questiona o poder das imagens quando estas não pretendem apenas nos explicar ou ilustrar algo, pois estes signos representativos, como os grafites, nos provocam outras formas de olhar e vivenciar a cidade, o mundo, a expressão cultural e o conhecimento. Além disso, a autora também sugere em seu texto, que educadores possam buscar outras formas de aprendizagem, que consigam explorar os espaços públicos da cidade, percebendo-a não apenas como uma paisagem arquitetônica, mas como um lugar que produz imagens, sentimentos e expressões de diferentes grupos culturais.

Então, porque observamos a cidade somente como um emaranhado de ruas, praças, prédios e pessoas que por ali circulam diariamente? E não paramos para observar os fatos, as histórias, ações e emoções que acontecem ali, mas com o passar do tempo somem e ficam apenas na memória de quem presenciou aquele momento? Nisto, realçamos a importância da educação e do ensino de arte em promover ações que incentivem o aluno e os cidadãos locais a ocuparem os espaços urbanos, promovendo desta forma, novas formas de perceber, compreender e ocupar estes espaços que também podem ser educativos. Esta ideia, segundo a autora seria realizar uma ação que modificasse totalmente as atividades do cotidiano escolar, chamando a atenção dos professores e alunos para a riqueza de uma experiência de intervir nos muros com os grafites.

Propor, com esse funcionamento deslizante, um esvaziamento dos corredores, salas de aula, giz, quadro, pincel, sinal sonoro entre as aulas, cadernos, memorizações. Chamar o susto, o imponderável, os professores, os alunos, a gestão escolar a inventar outros tempos e espaços de criação, linhas rasuradas e descentradas. Propor esse pintar sem pincel, mas com *sprays* das minúsculas partículas coloridas que aderem aos sulcos dos muros, esse espaço hífen e intenso de encontro entre olhos e mãos, retina e pele, tato e visão (ANDRADE, 2016, p. 654).

A arte e seu ensino poderia sim, ser uma boa mediadora na promoção destas mudanças, pois, ao aceitar os artistas grafiteiros entrem em contato com os alunos, a escola também além de possibilitar uma troca de conhecimentos entre as partes, também poderá Andrade (2016) não apenas a mudança no cotidiano escolar, mas também favorece uma abertura de diálogos entre os campos da arte, da educação e da cidade. Para a pesquisadora Jaqueline Moll (2015) em seu texto: "Cidade e Territórios Educativos: Elementos para pensar a educação na contemporaneidade," existem diversos espaços de aprendizagem na cidade e a importância de realizarmos uma diversificação do currículo escolar. Inclusive, também analisa o potencial de

propostas educativas que acontecem dentro do projeto de educação integral, citando o valor educativo de alguns espaços urbanos e sugerindo que os educadores pensem em outros lugares para educar, questionando o papel da cidade como educadora e assim, propondo uma reconfiguração do papel da cidade no processo educativo contemporâneo.

Nesta perspectiva Moll (2015), faz muitos questionamentos sobre isso, pois considera que como educadores: “(...) conseguimos transcender a escola como "lugar de educar"? Como a cidade (entendida ora como o poder público, ora como sociedade civil) se coloca na perspectiva da formação dos cidadãos? (MOLL, 2015, p.5). Ao considerarmos a cidade também como educadora, a autora cita como modelo, o Movimento de Cidades Educadoras, iniciado em Barcelona, na década de 90, que também possui entre seus objetivos articular novos espaços, ideias e ações políticas-sociais que (re)construam e acolham saberes históricos/culturais criados por movimentos sociais e pequenos grupos comunitários existentes em algumas cidades.

Com isso Moll (2015), cita que os jovens estudantes de hoje serão o resultado do que a eles se aplicam, então se a educação não os estimula a procurarem outros espaços de conhecimentos, os mesmos se tornarão sujeitos de pensamentos e autonomia limitados, relembrando umas das teorias defendidas por Paulo Freire (1989): “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente ” (FREIRE, 1989, p. 9). Conforme Moll (2003), a escola sendo considerada um agente sociocultural, possui assim, um papel essencial na criação de pontes que possibilitem aos jovens alunos o sentimento de pertença e a consciência de ocupar os espaços urbanos de suas cidades de forma consciente e cidadã. Baseado nestes conceitos, essa autora reafirma que:

Integrar-se efetivamente a este movimento implica re-conceitualizar a cidade, entendendo-a no seu emaranhado de ruas, avenidas, praças e prédios, como um território de múltiplas histórias e culturas e por isso, de incontáveis possibilidades educativas. Implica discutir coletivamente quem somos que necessidades comuns e singulares temos, que presente e que futuro desejamos (MOLL, 2003, p. 8).

Deste modo, os jovens cidadãos começam a entender-se como parte integrante da cidade e não apenas como mais uma pessoa a transitar por aquelas ruas e praças, percebendo-a com outros olhares, na diversidade de formas, cores, memórias e seus diferentes modos de agir e ocupar aqueles espaços. Porém, para que isso possa ocorrer de forma efetiva, Moll (2015) pondera sobre a importância e vantagens de uma escola em tempo integral, que privilegie uma

plena formação humana e não somente uma “ocupação” do tempo das crianças com atividades livres, sem um bom propósito educativo. Porém, a autora nos esclarece que a educação integral deverá contemplar todas as áreas de estudo, deste o ensino das Ciências, das Artes, da Cultura, das Tecnologias e dos Esportes, onde a escola não poderia medir esforços para ampliarem a carga horária do aluno.

Logo, é necessário valorizar e buscar uma conexão entre os espaços da escola com os espaços urbanos da cidade, sobre as novas formas de pensar a cidade e os seus territórios dentro de uma perspectiva de ensino mais amplo baseada no diálogo de culturas e histórias, memórias e pertencimentos á aqueles espaços.

A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA: “Do muro às Margens”

A linguagem do grafite é definida por muitas pessoas como uma arte urbana comparada muitas vezes, como um ato criminoso de vandalismo, confundida com uma pichação sem significados estéticos ou expressivos. Atualmente, há muitos estudos que defendem esta forma de expressão visual como uma arte, pois possui todos os quesitos que uma obra de arte deve possuir para ser qualificada como tal, porém existem características próprias por serem realizadas em um espaço urbano. Conforme o historiador Silva (2015, p.12), os processos formativos e artísticos que ocorrerem devido a uma intervenção de arte pública são denominados por ele como uma "Pedagogia das Cidades", pois são lugares que favorecem diferentes encontros, marcantes que nos possibilitam perceber diferentes formas de vivenciar a cidade, seus espaços e seus signos visuais. Porém, cita o autor que para tanto, não precisamos ir a um local específico e daí realizarmos uma intervenção artística, mas segundo ele, somente o ato de desfrutar e (re)conhecer os espaços urbanos da cidade já seria suficiente para nos transformarmos em um cidadão mais ativos e múltiplos:

Assistir e vivenciar uma peça de teatro na praça da cidade, observar um grafite no muro, descobrir um minúsculo adesivo colado no poste, são ações que nos colocam em interação constante com os ambientes urbanos. Certas intervenções que atingem espaços, sujeitos, audiências e não se configuram somente como “arte”, transformam-se em experiências visuais urbanas. Tanto para seus realizadores quanto para seus públicos. Nos espaços e tempos da cidade “ver” e “viver” se tornam quase sinônimos, fundem-se em um único vi(ver) sem perder sua multiplicidade (SILVA, 2015, p.2).

Logo Silva (2015), reafirma esta maior interação dos sujeitos com os espaços urbanos podem ser formas de "socialização e demarcação de territórios" que atualmente vem crescendo através da linguagem do grafite e da pichação por grupos de jovens e grupos sociais comunitários que se apropriam do grafite para expressar suas indignações e alertar a população sobre um fato político/social de sua comunidade. Em pesquisas realizadas anteriormente, descobrimos que existem diversas ações educativas/culturais em Belo Horizonte, que já utilizaram o grafite na busca de novos significados para uma local específico da cidade, propondo à comunidade e as jovens alunos uma maior interação com a cidade, conectando mundos e diferentes vivências culturais ao mesmo tempo e nos mesmos espaços.

Baseado nisto, citarei um estudo de caso que realiza mos na Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso, localizada no Bairro Céu azul em Belo Horizonte. Esta escolha foi escolhida pelo fato de que professores e alunos estão envolvidos em um projeto de revitalização do Córrego Capão, juntamente com os moradores locais, o Centro de Assistência Social (CRAS) do Bairro Lagoa e com o Núcleo Capão do projeto Manuelzão. A questão que estamos estudando nesta pesquisa é investigar quais os sentidos e significados que os professores e alunos da E. M. Adauto Lúcio Cardoso, participantes do projeto de revitalização do Córrego Capão, realizado pelo Núcleo Capão em parceria com o CRAS - Bairro Lagoa, atribuem à experiência de feitura de grafites alusivos à recuperação do Córrego Capão?

Além disso, também investigamos qual seria o potencial educativo que a expressão do grafite, envolvendo o campo de manifestações artísticas em espaços urbanos, a memória e a preservação patrimonial, apresenta-se para os jovens educandos e moradores locais. Com a intenção de problematizar os usos dos córregos e rios urbanos na atualidade, "Do muro à margem" é uma proposta de arte urbana que visa dar uma nova função social aos muros que serpenteiam as margens do Córrego do Capão, na divulgação de propostas mais acolhedoras e sustentáveis para a cidade, por meio do grafite. Acredita-se que o grafite possa ser uma ferramenta eficaz na sensibilização e mobilização da comunidade em favor da despoluição dos cursos d'águas, na proteção de nascentes urbanas e em especial na disseminação do projeto do Parque Linear do Córrego do Capão. Por ser uma proposta que visa resinificar as margens desse córrego, delegando, em parte aos muros a função de comunicar a necessidade de revitalização dessa parte da cidade, a proposta artística.

“Do muro à margem” pretende produzir três painéis estrategicamente localizados em áreas de relevância para a bacia hidrográfica do Capão sendo eles; a nascente, o meio e a foz, na expectativa de provocar o diálogo, suscitar laços de pertencimento e criar espaços de trocas na e para a comunidade. Este trabalho está sendo desenvolvido e executado por um grupo coletivo de artistas locais que desde 2017 vem se apropriando de espaços marginais ao longo dessa bacia na intenção de promover o grafite como instrumento de inclusão e cidadania, através da arte e da cultura. Os alunos e professores da E.M. Adauto Lúcio Cardoso são uns dos parceiros mais ativos nesta proposta, atuando junto com os alunos do projeto Escola integrada e do professor Fabiano que também é um artista/grafiteiro. Em uma intervenção artística nos muros que ocorreu em setembro de 2017, realizada próxima á nascente do Córrego Capão no bairro Lagoa, participaram os moradores locais, os alunos da E.M. Adauto Lúcio Cardoso e o coletivo de artistas/grafiteiros.

Neste evento, os alunos demonstraram que se dependessem deles a proposta de revitalizar o córrego Capão seria cumprida com êxito e eficiência, pois além de produzirem cartazes e participarem da pintura do mural neste dia também realizaram uma caminhada da escola até o local que estavam acontecendo às intervenções artísticas com gritos de: “Preservem a natureza, Lixo é na Lixeira”. O professor Fabiano, que também é grafiteiro e atua cerca de dois anos no projeto da escola integrada falou que o objetivo da proposta é levar a arte para a fora do contexto da escola alertando as crianças e população sobre a importância de cuidarem do meio ambiente. Para a coordenadora do projeto Rosi, a aliança feita entre a escola e os grafiteiros foi importante na medida em que os grafites realizados pelos artistas ajudaram a conquistar mais espaços e dar uma melhor visibilidade do projeto para a comunidade local e para a comunidade escolar. Além disso, ela também observou que os jovens alunos aprenderam muito com os artistas/grafiteiros, servindo de estímulo para as outras crianças que não puderam participar das intervenções artísticas nos muros.

Logo, neste evento percebemos uma bela cumplicidade entre as crianças maiores e os pequenos alunos na organização e execução do painel da “árvore das mãos” (figuras 2 e 3) e, no interesse em realizarem as pinturas proposta feita pelo prof. Fabiano. Contudo, foi uma experiência que transcendeu o sentido estético e artístico da pintura daquele muro para uma ação coletiva em prol de apenas um objetivo, que seria a ressignificação daquele lugar e da revitalização do Córrego Capão.



Figura 1: Aluno da escola pintando mão de uma criança da comunidade local (MIRANDA, 2018).



Figura 2: Pintura concluída durante evento realizado em setembro de 2017 (MIRANDA, 2018).

Para realizarmos este estudo de caso, utilizamos de alguns instrumentos de coleta de dados como a observação participante, entrevistas se mi-estruturadas, anotações de campo e registros fotográficos e de vídeo, sendo este último, o principal a ser utilizado por se tratar de um estudo de caso sobre uma expressão artística contemporânea. Pois, conforme Mattos e Castro (2005), os vídeos vêm se tornando um instrumento de coleta importante para o pesquisador, reafirmando assim que:

O uso de vídeo ganha cada vez mais espaço como instrumento recorrente na pesquisa de um modo geral e, particularmente, na pesquisa educacional, especialmente na coleta de dados no contexto escolar. Seu objetivo é contribuir para um maior entendimento das ações ocorridas em um evento interativo. (MATTOS; CASTRO, 2005).

Além disso, os alunos poderão ser divididos em grupos focais aonde serão entrevistados de modo mais livre, baseado no método da entrevista narrativa. No final, todos os dados coletados serão analisados a partir da perspectiva da análise de conteúdo com alguns elementos da análise de discurso, onde se pretende utilizar alguns softwares para facilitar este processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao demonstrarmos o valor de propor ações que não "criminalizem" o ato de grafitar/pixar os espaços urbanos, mas que sensibilizem os jovens a utilizar esta expressão artística com uma crítica político-social, alicerçada em um conhecimento artístico e na promoção de sua cultura. Por isso, propomos uma ampliação do papel da escola como uma possível agenciadora deste movimento de transformação social, atuando de forma aberta e propositiva diante dos problemas da comunidade e apropriando-se da arte como principal mediadora desta ação.

Como resultado disso, pretendemos promover uma melhor reflexão sobre a compreensão que temos a respeito das imagens, marcas e signos visuais que ocupam o espaço urbano da cidade, buscando uma aproximação na prática com a metodologia proposta Freire (1989) por uma educação para a liberdade, no qual o sujeito crítico de sua realidade surge do resultado de uma ação de "integração". Segundo Freire (1989,) esta ação pode criar capacidades no indivíduo de se ajustar a sua realidade e desta forma, conseguir transformá-la para melhor. Freire (1989, p.51), também cita que o "homem acomodado é passivo de mudanças, convertido em um "mero expectador" de sua Sociedade".

Logo, alinho-me aqueles que buscam uma ampliação de conceitos entre a Arte Pública, Patrimônio e a Educação, potencializando assim, criações estéticas para além do lugar-comum, com possibilidades de aprendizagens no ensino de artes que trabalhem com a expressão de novas sensibilidades e significados sobre a cidade e suas expressões estéticas.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de. **(Ar)riscar muros Atravessando Cidades E(m) Cores**. 37ª Reunião Nacional da ANPED. 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC Florianópolis.

BAUDELAIRE, Charles. **O Pintor da Vida Moderna**. In: A Modernidade de Baudelaire. Tradução de Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 170.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

MENEZES, Marco Antônio de. **BAUDELAIRE: o poeta da cidade moderna**. 2006. Disponível em: < <http://www.artecidade.ufba.br/st1mam.pdf> >. Acesso em: 24/07/2017.

MOLL, Jaqueline. **Cidade e Territórios Educativos: elementos para pensar a educação na contemporaneidade**. 37ª Reunião Nacional ANPED. Trabalho Encomendado - GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos.

SILVA, Eloenes Lima da. **Intervenções Artísticas em espaços públicos e Pedagogias da cidade – Possibilidades de pesquisa**. 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.